

Editorial

A revista *Instrumento Crítico* inicia uma fase de intenso processo de aperfeiçoamento. Assim, atualizamos o sistema que abriga a revista e migramo-la para uma versão mais atualizada, no sentido de garantir mais segurança e estabilidade em seu acesso, que agora pode ser feito pelo link <http://www.periodicos.unir.br/index.php/instrumentocritico>. Ainda visando à melhoria de sua qualidade, a revista, agora digital, passará a contar, a partir de 2019, com publicações semestrais.

Do ponto de vista da política editorial, estamos em processo de reformulação do nosso Corpo Científico, com o fim de aumentar a capilaridade da revista no campo científico das Letras e de áreas afins e o rigor, na medida em que esses novos pesquisadores atuarão no processo de consolidação dos pareceres, o que conferirá à revista *Instrumento Crítico* maior agilidade no processo.

Neste número 4, apresentam-se nove artigos originais que promovem a reflexão sobre as Letras, trabalhos estes que foram apresentados no XXIII Seminário de Estudos Linguísticos e Literários - UNIR/campus de Vilhena - que aconteceu nos dias 7, 8 e 9 de novembro deste ano de 2018.

Abrimos este número com o artigo de Maria Vitória Loureiro do Nascimento Vieira e Klivy Ferreira dos Reis, “O discurso religioso barganhando a fé”, que analisa o caminho do discurso religioso por meio da Análise do Discurso Francesa, à luz de Michel Pêcheux. Para os autores, “não há religião e discurso sem sentido, ambos estão entrelaçados, pois trilham propósitos semelhantes, e apresentam-se em nossa constituição social”, atingindo diversas esferas da sociedade que extrapolam as reuniões específicas para tal fim.

Ainda pensando a questão ideológica, Isac Barros e Mariana Ranair Aikanã trazem reflexões importantes em relação ao processo de ensino e de aprendizagem de língua portuguesa. Em “Livro Didático: amigo ou empecilho”, os autores analisam a organização estrutural, a utilização de gêneros textuais e o ensino de substantivos nos livros *Português Linguagens* (2015), de William Cereja e Thereza Cochar Magalhães, e *Projeto Teláris: português* (2015), de Ana Triconi Borgatto, Tereza Bertin e Vera Marchezi.

Considerando o livro didático sob a perspectiva linguística, visam especificamente ao ensino de substantivos. A partir da leitura das seções “A língua em foco” (CEREJA; MAGALHÃES, 2015) e “Língua: usos e reflexão” (BORGATTO, BERTIN; MARCHEZI, 2015), verificaram que os textos são adequados para a fase de desenvolvimento da criança. Quanto ao ensino dos substantivos, nota-se, entretanto, caráter normativista, em cujo processo de aprendizado não se “proporciona ao educando a reflexão sobre a língua e não [se] declara qual a importância do aluno entender sobre o substantivo”.

Finalizam, desse modo, a reflexão feita afirmando que “os livros didáticos devem ser vistos como instrumentos de apoio durante as aulas e não como aquele que determina o conteúdo e a forma de ensino”, para que se possa, assim, elevar a qualidade do processo de ensino e de aprendizagem.

Em “Produção de gêneros textuais digitais a partir de contos africanos”, Nidiane Aparecida Latocheski se vale de sua experiência pedagógica em uma escola pública de Vilhena, RO, para discutir questões relativas ao tipo textual narrativo, “conteúdo que compõe o currículo da disciplina de Língua Portuguesa” e que “provoca queixas dos estudantes, principalmente quando são narrativas literárias”.

Para seu estudo, Nidiane Aparecida Latocheski selecionou contos *d’O segredo das tranças e outras histórias*, de Rogério Andrade Barbosa, com o fim de “trabalhar a fruição dos textos como forma de

aproximação da literatura”. Além desses, e com foco nas novas tecnologias, gêneros textuais digitais também foram trabalhados, inclusive com a paráfrase ou com a paródia dos contos de Rogério Andrade Barbosa, para que fossem postados, com a linguagem adequada, em uma página do Facebook, “possibilitando maior interação entre grupos e turmas, bem como dos internautas em geral”.

Adentrando o campo da poesia, Dânia Eberhardt Bertola, em “A linguagem lúdica, da poesia satírica de Gregório de Matos”, analisa alguns dos poemas que compõem a obra de Gregório, com o fim de observar a maneira como “o poeta emprega elementos do lúdico na construção da poesia”. Já Mislene de Oliveira, em “Indícios autobiográficos e texto poético em *Lar*, de Armando Freitas Filho”, visa “compreender os procedimentos que imbricam indícios autobiográficos e texto poético”.

Com o fim de desvendar como o poeta constrói referências autobiográficas em *Lar*, e como o texto poético, na sua condição de gênero textual predominantemente conotativo, responde a isso, Mislene de Oliveira se vale dos estudos de Jacques Derrida (1995), Elizabeth Muylaert Duque-Estrada (2009) e Leonor Arfuch (2010). Conclui a autora que, em *Lar*., não é possível “separar dentro do texto o que é ficcional do que é factual; os indícios autobiográficos que levariam o leitor à vida de Armando Freitas Filho são, sobretudo, para problematizar a condição de destituição e, ao mesmo tempo, de instituição do autobiográfico na poesia, ou seja, para problematizar os limites não especificados entre o texto e a vida”.

O foco na leitura literária continua em “Antonio Candido e a recepção crítica de Jorge Amado e de José Lins do Rego em *Brigada ligeira: resistências*”. Lívia Fernandes Nunes, nesse artigo, objetiva analisar “o modo como Antonio Candido formula a crítica de dois romances, *Terras do sem fim* (1943), de Jorge Amado, e *Fogo morto* (1943), de José Lins do Rego, verificando que valores estéticos,

sociológicos e interpretativos são postos em destaque”. Pelo estudo da produção principalmente de livro *Brigada ligeira* (1945), constata “que o método crítico de Antonio Candido, [...] valida o contexto de produção e a biografia dos escritores na medida em que condicionam a estrutura das obras e, que, por isso, a qualidade na representação humana é um de seus critérios valorativos”.

Continuando no estudo de obras literárias, Maria José Alves de Assunção promove uma leitura da novela *Anastácio Degli Onesti* com um enfoque sociológico, com o fim de melhor compreender o gênero em si e o realismo social nela contido. Para a autora, Giovanni Boccaccio relaciona época, lugar e singularidade de modo relevante, inaugurando “uma nova moldura; uma nova maneira de narrar” em que a “narração passa a ser um jogo elegante; as aventuras amorosas têm como cenário uma moldura bucólica”.

O último artigo deste número 4 da revista *Instrumento Crítico* versa sobre a literatura infantil. Em “Rousseau e a literatura infantil”, Ivanor Luiz Guarnieri e Marta Camilo da Silva Guarnieri visam desvendar a razão, ou razões, da crítica de Rousseau à literatura infantil, principalmente em *Emílio*: ou da educação.

Para os autores, o fundamento dessas críticas “deve ser buscado no contexto de suas ideias filosóficas, seja de ordem política, seja de ordem moral [...]. Para esse filósofo, o homem social (que vive em sociedade) age de modo superficial e afastado do modo como a natureza o fez. A Literatura Infantil, em especial as fábulas de Esopo, analisadas por Rousseau, reforçariam os interesses mais vis do homem civil e, com isso, abafariam o homem da natureza que ainda existe no interior da criança”.

O que vemos, portanto, neste número 4 da revista *Instrumento Crítico* são visões diferentes e abrangentes que analisam questões atuais do campo das letras, contribuindo, os autores dos textos aqui publicados, para enaltecerem o nome de nosso periódico.

Assim, a cada um deles, desejo deixar registrado um particular agradecimento, ao mesmo tempo em que quero compartilhar a satisfação de termos produzido uma revista crítica, com artigos que se caracterizaram pelo rigor teórico e pelo compromisso político, sem deixar de lado a sensibilidade para captar as questões socioculturais mais candentes da atualidade. Como sempre, fico torcendo para que nosso trabalho siga produzindo reflexões fecundas e instigantes, contribuindo para que possamos inventar uma sociedade mais solidária.

Patrícia Goulart Tondineli
Pela Equipe Editorial